

O CONTADOR DE HISTÓRIAS: DAS REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS AO CONTEXTO EDUCATIVO ATUAL

Glória Bastos*
gloria.bastos@uab.pt

Ana Margarida Luciano*
amvluciano@gmail.com

Neste artigo cruzam-se duas perspetivas complementares sobre o contador de histórias: a visão transmitida em obras da literatura portuguesa e a visão de educadores e professores. Para isso efetuou-se um levantamento da figura do contador em obras de diversas épocas que remetem para o contexto do ato de contar, identificando vários aspetos da sua caracterização, em particular a questão de género, os objetivos do contador e as estratégias utilizadas. Estes elementos são cruzados com os resultados de um questionário aplicado a um grupo de educadores e professores, analisando-se em especial os dados que remetem também para as suas representações e práticas em relação aos três elementos acima referidos, salientando-se assim os propósitos que tanto nas representações literárias do contador como na prática atual em contexto escolar se evidenciam, acrescentando-se ainda, no caso dos respondentes ao questionário, a eventual utilização das novas tecnologias como apoio ao ato de contar.

329

O CONTADOR DE HISTÓRIAS:
DAS REPRESENTAÇÕES
LITERÁRIAS AO CONTEXTO
EDUCATIVO ATUAL

Glória Bastos
Ana Margarida Luciano

Introdução

No me cuesta mucho imaginarme a un padre troglodita, junto al fuego, contándole a su hijo el cuento de un mamut. Tampoco me resulta difícil ver la cara de placer del pequeño, e incluso oír sus carcajadas resonar por la cueva.

Hoy, en la época de Internet y de las realidades virtuales, un hermoso cuento sigue ejerciendo un enorme poder de fascinación y de encantamiento sobre los niños [...]. Sólo hay que dejarles un espacio en el torbellino de estímulos atractivos y cómodos a los que los niños están expuestos a diario.

(Gil, 2006: 11)

* Professora Auxiliar no Departamento de Educação e Ensino a Distância da Universidade Aberta, Lisboa, Portugal; coordenadora do mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares.

** Professora Bibliotecária no Agrupamento Vertical de Escolas António Feijó, em Ponte de Lima.

Contar histórias e ouvir histórias são atividades inerentes à condição social do ser humano. E se nos nossos dias o contacto com a maioria das narrativas é mediado pela escrita, seja porque alguém lê um livro, seja porque o ouve ler, não podemos esquecer que o ato de contar constitui “a mais antiga forma de convívio entre as pessoas” (Sisto, 2005: 14). Durante todo este tempo em que o hábito de contar/ouvir histórias foi uma constante, a vida intelectual do ser humano, particularmente das crianças enquanto seres humanos em formação, “dependia de histórias míticas ou religiosas e de contos de fadas” (Bettelheim, 2011: 39) que, para além de estimular a imaginação, respondiam a dúvidas e “constituíam o principal agente da sua socialização” (*ibidem*).

Se houve épocas em que ouvir contos era a maior distração para todos, independentemente de idades ou condição social – como refere Bryant (1987: 15), “los reyes y guerreiros no podían pedir nada mejor, y nada satisfacía tanto a los siervos y a los niños” – hoje em dia, nas sociedades ocidentais, já não se contam histórias à lareira, ou em longos serões ou jornadas de trabalho, ou raramente se contarão. Todavia, se muitos profetizaram o desaparecimento do ato de contar histórias, a verdade é a que tal nunca aconteceu, pois nunca deixou de estar presente pelo menos “na canção de berço que a mãe murmura para seu filho; nas histórias que mães, avós, criadas, aos pequenos ouvintes transmitem” (Meireles, 1989: 49).

Atualmente verifica-se um renovado interesse pelo costume de contar histórias e pela figura ancestral do contador de histórias, resurgindo essa prática que nunca se perdeu, de forma mais visível e com novas facetas. Savater (1997), por exemplo, afirma que “devemos voltar ao respeito que nas culturas primitivas envolve o narrador, o dono das histórias”, pois “para constatar o laço inquebrantável que une a superioridade moral com a função do narrador, basta olhar para os olhos de uma criança quando lhe contamos um conto” (p. 36).

A verdade é que, nos nossos dias, como nos lembra Busatto, “convivem, no mesmo espaço, o contador da tradição e o contador contemporâneo” (2011: 25). No mundo ocidental, o contador tradicional, informal, está relegado para um contexto mais íntimo e familiar. E destaca-se então a figura do contador contemporâneo, urbano e, segundo Patrini (2005: 143), nascido aquando da renovação do conto em França, na sequência do movimento do maio de 68, e que é nomeado também

como “neo-contador”, “trovador contemporâneo”, ou ainda o “novo contador”. Foram sobretudo as bibliotecas os locais de acolhimento desta prática renovada de contar histórias, mas não só. Escolas, centros culturais, teatros, hospitais, entre outros espaços, passam a ser palco de *performances* de contadores de histórias. Mas é, sem dúvida, nas bibliotecas e escolas que o contador de histórias se tornou um ator “obrigatório na promoção da leitura e no resgate do lúdico e da fantasia” (Sisto, 2005: 74), encontrando aí o seu público mais fiel.

Se o contador de histórias tradicional, formado exclusivamente na oralidade, improvisava, não estudando antecipadamente as circunstâncias em que contava, o contador contemporâneo estuda, prepara-se, alicerçado não só na tradição oral, mas também em casos do quotidiano, da sua própria vida e, sobretudo, em fontes escritas, de forma a construir o seu repertório pessoal. Tem com frequência um conhecimento literário vasto, um apurado sentido crítico e, por vezes, escreve ou reescreve o texto que será a base da sua atuação. Como refere Patrini (2005: 123), “o contador de hoje ouve os contos tradicionais, lê a literatura, inventa sua própria versão, escreve sua história e muitas vezes as histórias que conta. Nesta diversidade, a palavra continua a ser o veículo primeiro, mas, para que ela ganhe vida, é preciso um repertório”.

O contador de histórias do século XXI, letrado, que por vezes escreve os seus próprios contos e pode ainda valer-se das novas tecnologias, consegue criar no seu público a ilusão de estar perante uma oralidade primária, tal como a do narrador tradicional, no seu círculo de ouvintes. Como? Recorrendo também, segundo Jean (2000: 122), a “técnicas antigas: saber os seus contos de cor e, no entanto, parecerem improvisar, modelar os seus efeitos da voz, usar diversas posturas, mímicas, fazer falar «as suas mãos»”.

O contador profissional coexiste com o contador que atua no seio da família, sobretudo na hora apaziguadora que antecede o sono, e coexiste com aquele que é corporizado por animadores, educadores, professores bibliotecários e até pais, nos nossos jardins de infância e escolas, particularmente na chamada “Hora do Conto”. O velho contador de histórias de tempos remotos renasce em todos eles. E, como alerta Gillig, nem sempre o contador profissional pode substituir o pedagogo, que também deve conhecer o ritual e reconhecer a importância de o pôr em prática. Como tal, ainda segundo este autor, “uno tiene que

prepararse para contar, de la misma manera en que prepara las otras actividades de la classe” (2000: 100).

Motivadas pela reflexão em torno da figura do contador de histórias, propusemo-nos, num primeiro momento, identificar aspetos referentes à representação da figura do contador de histórias e da sua ação plasmadas na literatura portuguesa, em obras de diferentes autores e de diferentes épocas. Esses elementos, com especial incidência nas questões de género, da idade, dos objetivos do contador e das estratégias utilizadas, foram depois cruzados com perspetivas atuais existentes na escola sobre o contador e o ato de contar.

O contador de histórias: imagens na literatura

A demanda pela figura do contador de histórias em textos da nossa literatura, iniciada de forma aleatória, mostrou-se profícua. Tão profícua que, a dada altura, tivemos que a dar por encerrada, conscientes de que, se continuássemos, iríamos encontrar mais e mais referências marcantes. Assim, detivemo-nos num *corpus* constituído por 65 textos, de diferentes épocas, autores, modos e tipologias literárias. O mais antigo, *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, data de 1554. O mais recente é o livro infantojuvenil *Meu avô, rei de coisa pouca*, de João Manuel Ribeiro, editado em 2011 (dezoito dos textos analisados inserem-se na denominada literatura infantil e juvenil). Através da análise deste conjunto de textos pudemos chegar a conclusões interessantes acerca da representação desta figura no panorama da literatura nacional e, conseqüentemente, considerando a literatura como uma arte mimética, de uma eventual representação do contador de histórias na realidade. Abordaremos aqui apenas alguns exemplos, com o pesar de omitirmos muitos outros.

Embora haja a tendência, quando pensamos em contadores de histórias, para idealizar imediatamente a figura de doces mães, amas ou idosas avozinhas, no levantamento aleatório que efetuámos verificou-se, curiosamente, um equilíbrio quanto ao género do contador de histórias: 34 narradores femininos e 37 narradores masculinos.^[1] A representação

¹ O número de contadores excede o de obras analisadas uma vez que alguns textos mencionam mais do que uma figura de contadores de histórias, sejam evocados, sejam personagens.

do contador idoso, ou idosa é, de facto, frequente, surgindo em 17 textos. Podemos, por exemplo, encontrá-la na “mulher da casa, já velha” (Ribeiro, 1973: 47) da obra citada de Bernardim Ribeiro, ou no velho aio Telmo Pais, de *Frei Luís de Sousa* (Garrett, 1983), assim como no tio António de Maria, com 95 anos, e na “respeitável e decrépita” Joaquina da Luz, ambos personagens de *Anátema*, romance de estreia de Camilo Castelo Branco (1980: 143-144). E o rol continua: a velha aia Carlota dos poemas de António Nobre; a criada velha de Alberto Caeiro, no poema “O luar, quando bate na relva”; a velha tia da “Ode marítima” de Álvaro de Campos; a velha tia Dulce, em *Aparição*, de Vergílio Ferreira; a avó Elvira de *Constantino, guardador de vacas e de sonhos*, de Redol; a avó Josefa a quem Saramago escreve “Carta para Josefa, minha avó”, só para citar alguns.

Analisando o ambiente em que estas personagens ou figuras evocadas se movem, constatamos uma divisão de género quando se considera o contexto em que agem. Enquanto as figuras femininas atuam como contadoras de histórias fundamentalmente na esfera doméstica, na intimidade dos afetos, os elementos masculinos surgem em situações mais diversificadas e várias vezes em espaços públicos. As contadoras de histórias são sobretudo as mães, avós, amas, criadas. Encontramos mais de 30, algumas já citadas anteriormente, a que podemos juntar a ama do poema “Não sei, ama, onde era”, de Fernando Pessoa; a mãe que em *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, “à beira da enxerga”, transporta o seu filho para “um castelo de sonho, onde nada lhe faltava, como ao príncipe da história linda” (2003: 29); ou a avó Lídia, de *Rosa, minha irmã Rosa*, que “contava histórias dia e noite” (Vieira, 1979: 23). Também Maria Alberta Menéres nos apresenta uma personagem que aqui se enquadra: é a mãe de Mariana, do conto “As formiguinhas”, “que tinha um jeito especial para contar histórias, mudando de voz, fazendo mímica” (2004: 52-55).

Em relação aos contadores masculinos, podem ser, por exemplo, o companheiro casual de viagem, como o Macário, que conta a sua história ao narrador homodiegético de “Singularidades de uma rapariga loira”, que, a este propósito, reflete: “o que não contas à tua mulher, o que não contas ao teu amigo, conta-lo a um estranho, na estalagem” (Queirós, 1989: 21). Encontramos uma situação semelhante em *Viagens na minha terra*, de Garrett, quando o narrador conhece pelo seu companheiro de

viagens a história de Joaninha, a menina dos Rouxinóis. Mas também, por exemplo, em *A Selva*, de Ferreira de Castro, em que o maranhense Filipe de Castro entretém Alberto, o protagonista, que todavia se farta de “seguir os longos trotes pelas veredas da superstição e da fantasia” (1991: 53).

Destacamos ainda o contador de histórias que torna mais leve uma determinada tarefa ou trabalho. Como o pícaro Fernão Veloso que, nas estrofes de *Os Lusíadas* que antecedem a narração da tempestade, distrai, para afastar o sono, os companheiros que com ele velam, contando as aventuras dos Doze pares de Inglaterra. Ou então como Manuel Milho, operário da construção do Convento de Mafra, o mais bem sucedido daqueles que “contam as suas próprias histórias, muitas vezes repetidas, para matar o tempo”. Esta personagem de Saramago, em *Memorial do Convento*, prende os companheiros à sua narrativa, pois narra a sua história em episódios, mantendo o suspense, o que leva até ao protesto de um deles, José Pequeno, ansioso por saber o desenlace: «Nunca se ouviu história assim, em bocadinhos» (Saramago, 1982: 262).

Num âmbito mais público, o contador de histórias surge sobretudo com a função de distrair e deleitar o seu auditório – aliás, entreter e consolar o homem é, segundo Eça de Queirós, na sua *Correspondência*, a principal função dos contos. Tal era a missão dos «jograis, trovadores, truões e farsistas» referidos nas lendas “A dama do pé de cabra” e “O bispo negro”, de Alexandre Herculano. É também a função de Campanelo que, “debaixo das estrelas, sentado no lancil do largo”, encanta as crianças com a história da Torre da Má Hora, no conto homónimo de Manuel da Fonseca (2000: 89); ou de Raul, personagem do conto “O Sésamo”, de Torga, sempre acompanhado pelo seu grande livro, objeto que, aos olhos dos que o ouvem, o investe de uma grande autoridade.

Curiosamente, educadores contadores de histórias não são muitos referidos no conjunto de obras analisadas, estando a sua presença quase exclusivamente remetida para os livros destinados aos mais novos. Encontramos, por exemplo, João Agualva, em *História Alegre de Portugal*, de Pinheiro Chagas (2004), um professor aposentado que conta de forma cativante episódios da História nacional a um grupo de habitantes pouco ilustrados da sua aldeia. Temos o Sr. Heim, que fazia Rose, protagonista de *O mundo em que vivi*, de Ilse Losa, “amar

as velhas lendas e tradições” (1987: 76) e ainda o professor Teixeira, de *Pardinhas*, que ensinava bem, mas dava umas “palmatoadas memoráveis”... o que lhe era perdoado pelo dom que tranquilizava e divertia os seus alunos – sabia contar histórias “onde entravam em grande quantidade animais com atitudes pouco expeditas, que tinham o nome dos alunos mais atrasados” (Mota, 1988: 70).

Quanto ao contador profissional, apenas encontrámos a sua identificação uma vez, no conto “Os parâmetros da vida”, de Maria Isabel Barreno, em que o narrador se assume como “um velho contador de histórias e que disso fez profissão” (1991: 31). A sua performance é marcada pelo uso de um pano preto que estende no chão, e que as pessoas acreditavam não servir apenas para recolher esmolas, mas ter propriedades mágicas, para além de fazer parte do ritual da narração.

No que se refere aos propósitos subjacentes ao ato de contar, podemos afirmar que a paleta é variada, mas incidem com particular evidência no entretenimento e recreação, por exemplo como elemento que ajuda a passar o tempo, quer em contextos de trabalho quer durante outras atividades. Mas pode também constituir um instrumento de sedução, qual Xerazade: como Marta, a mulher apaixonada de *O rio triste*, de Fernando Namora, que escreve ao seu amado: “se tu vivesses comigo haveria de, todas as noites, contar-te uma história, as histórias da ilha de Armona” (1998: 183). Ou então Gil Dinis, um dos três homens que preenchem a vida sentimental de Luísa, protagonista do romance *Xerazade e os outros*, de Fernanda Botelho, e que contribui para a sua educação sentimental.

Quando os ouvintes são crianças ou jovens, os contos embalam e adormecem, como acontece com a avó do conto “O Vento”, de Irene Lisboa; ou fazem sonhar, tal como aos moços que ouvem Saguí, em *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes, ou às crianças que, pela voz de Campanelo, em “A Torre da Má Hora”, são arrastadas para longe. O ato de contar serve também para transmitir memórias ou para instruir, mas, em contraponto, as histórias podem igualmente ser consideradas de forma negativa: encontramos um exemplo no romance *Aparição*, de Vergílio Ferreira, onde o narrador recorda a sua infância e, segundo os seus pais, os “malefícios das historietas” contadas pela tia Dulce (1997: 69).

Considerando que o *corpus* analisado poderá constituir uma parcela exemplar das várias situações que se logram encontrar no universo

ficcional, as representações apresentadas relativas ao contador de histórias estabelecem uma amostra significativa das ideias mais significativas sobre essa figura e atividade.

O contador de histórias na escola

Em contexto escolar, contar histórias constitui hoje uma prática corrente, sobretudo nos anos iniciais desse percurso – jardim de infância e primeiro ciclo do ensino básico. Nesse sentido, interessou-nos identificar alguns elementos referentes a representações e práticas relacionadas com o ato de contar. Pretendíamos cruzar estas perspetivas reais com as visões que tinham sido identificadas no universo ficcional do *corpus* literário analisado.

Seguindo uma metodologia mista – quantitativa e qualitativa – aplicou-se um questionário a 25% dos docentes de um agrupamento de escolas, num total de 40: 15 educadoras de infância (EI); 14 docentes do 1.º ciclo do ensino básico (CEB); 6 docentes do 2.º ciclo e 5 docentes do 3.º ciclo. Os docentes do 2.º e 3.º ciclos inquiridos lecionam a disciplina de Português. Dos inquiridos, oito têm entre 31 e 40 anos; dezoito entre 41 e 50 anos e catorze mais de 50 anos. Apenas quatro são do sexo masculino.

Concretamente em relação aos elementos que interessam no presente artigo, e recordamos que a nossa perspetiva está orientada para a identificação das representações relativas às questões de género, aos objetivos do/a contador/a e às estratégias utilizadas, sistematizamos em seguida os aspetos mais relevantes.

Note-se que embora todos os inquiridos afirmem contar/ler em voz alta para os seus alunos, nem todos os docentes se assumem como contadores frequentes, sendo naturalmente as educadoras a destacarem-se ao referirem que desempenham essa função diariamente, mas todos indicam que antes de concretizar as suas práticas de narração oral (ou leitura em voz alta) se preparam com antecedência. E se nas imagens literárias do contador deparamos quase exclusivamente com um narrador mais ou menos espontâneo, em contexto escolar o contar a partir do suporte livro é considerado mais importante, mesmo na educação pré-escolar, significando que a cultura do livro está fortemente

instalada, sendo o ato de contar associado ao desenvolvimento do gosto pelo livro e pela leitura e não apenas como um ato lúdico gratuito.

A maioria dos inquiridos responde que contar ou ler histórias é importante para alunos de todos os ciclos de escolaridade, argumentando que a capacidade de sonhar deve ser proporcionada a todos sem exceção (“o prazer de ouvir histórias não tem idade, até os adultos gostam”, afirma um docente do 1.º CEB). Todavia, os docentes do 3.º ciclo, com uma atuação menos significativa neste domínio, também consideram ser menos relevante a atividade de contar nesse ciclo de escolaridade, argumentando alguns que nessas idades os alunos estarão menos motivados, o que parece contradizer vários estudos realizados com alunos nessa etapa da escolaridade (cf., por exemplo, Mateus, 2009; Brandão, 2011), bem como diversas vozes que já referimos na introdução.

Em relação aos contextos considerados mais adequados para o ato de contar, surgem naturalmente, neste caso, os ambientes relacionados com a situação escolar em que os inquiridos se situam: assinalam-se locais como a biblioteca, que sabemos que tem vindo a ganhar protagonismo neste domínio, a sala de atividades (pré-escolar) ou a sala de aula. Sublinha-se também a conveniência de se dever tratar de um local calmo e sossegado.

Tendo-se solicitado aos inquiridos que, de acordo com a sua experiência, ordenassem por grau de pertinência as principais funções ou objetivos das atividades de narração oral e de leitura em voz alta, a partir de um conjunto de itens que eram sugeridos^[2], obtivemos as respostas que sintetizamos no quadro seguinte.

² Os itens eram os seguintes: Desenvolver hábitos de leitura; Divertir/deleitar; Instruir; Tranquilizar/Consolar; Estabelecer laços/afetos; Desenvolver a imaginação e a criatividade; Transmitir tradições e memórias; Criar um ambiente propício ao trabalho; Ajudar a construir a identidade da criança.

EI	1.º CEB	2.º CEB	3.º CEB
1.º- Desenvolver hábitos de leitura	1.º- Desenvolver hábitos de leitura	1.º - Estabelecer laços / afetos	1.º- Desenvolver a imaginação
2.º- Desenvolver a imaginação	2.º - Desenvolver a imaginação	2.º- Desenvolver a imaginação	2.º- Estabelecer laços / afetos
3.º- Estabelecer laços / afetos	3.º- Estabelecer laços / afetos	3.º - Divertir / deleitar	3.º - Divertir / deleitar
3.º - Divertir/ deleitar	4.º- Divertir/ deleitar	4.º- Desenvolver hábitos de leitura	4.º - Desenvolver hábitos de leitura
5.º - Instruir	5.º - Instruir	4.º - Instruir	5.º - Transmitir memórias/tradições
	5.º - Ajudar a construir a identidade		

Podemos constatar que as opiniões manifestadas pelos quatro grupos de inquiridos apresentam alguns traços de continuidade e certas singularidades que nos permitem concretizar um conjunto de considerações. Assim, para grande parte dos inquiridos, com especial incidência nas EI e nos docentes do 1.º CEB, a principal função de contar histórias/ler histórias em voz alta é desenvolver hábitos de leitura. Este aspeto pode-se certamente relacionar com a consciencialização cada vez mais forte que existe sobre a importância da promoção da leitura durante a infância, repercutindo-se na preocupação que educadores e professores manifestam a esse respeito. Também podemos ver que, independentemente dos ciclos, as funções mais lúdicas ocupam lugares cimeiros: “desenvolver a imaginação” e “divertir/deleitar”. Curiosamente, uma dimensão afetiva, que poderíamos considerar mais apropriada ao relacionamento com as crianças mais novas, acaba por ser privilegiada pelos docentes do 2.º e do 3.º CEB: “estabelecer laços/afetos” é, de facto, maioritariamente escolhido pelos inquiridos que lecionam no 2.º ciclo e ocupa também uma posição de destaque nas preferências manifestadas pelos docentes do 3.º ciclo. Refira-se que a função mais instrumental, presente no item “instruir”, surge numa posição secundária. Por fim, assinala-se que a associação do ato de contar à transmissão de uma memória cultural parece não ser valorizada, embora se saiba que uma parte significativa do repertório tradicional para a infância, sobretudo contos e rimas infantis, seja transmitida no jardim de infância. Pelas respostas obtidas, aparenta não estar presente essa consciência, nomeadamente nas educadoras participantes no estudo.

Em relação às estratégias de contar utilizadas, para além da preocupação com a preparação do ato - dada a importância da expressividade, da entoação de voz e do ritmo da narração - aponta-se igualmente o cuidado com a criação de um ambiente propício à atividade. Cada vez mais os contadores utilizam recursos diversos como apoio ao ato de contar, e atualmente as tecnologias marcam igualmente presença. Em relação aos inquiridos, a maioria refere que utiliza com alguma frequência recursos tecnológicos, com particular destaque para o uso de computador, a projeção de imagens e recursos áudio.

Os inquiridos podiam ainda assinalar três opções que fossem reveladoras das reações e atitudes das crianças observadas durante a atividade de contar. Os quatro grupos de inquiridos apontam para os mesmos aspetos, apesar da diferença de idades das crianças/jovens com quem trabalham. Como primeira indicação destacada surge o prazer que contar histórias provoca no auditório. Em seguida, indica-se a partilha de memórias e conhecimentos que é proporcionada e ativada pela narração de histórias e em terceiro lugar assinala-se a reação ativa de pedido de mais histórias.

No que se refere às representações dos inquiridos sobre os contadores de histórias, as educadoras de infância são unânimes ao afirmar que a questão de género ou de idade é indiferente, uma vez que consideram não haver um modelo único de contador de histórias, dependendo mais das características pessoais de cada um, do gosto, do envolvimento e da capacidade de comunicar, do que do facto de ser homem ou mulher, jovem ou mais idoso. Disso não dependerá aquilo que os bons contadores de histórias conseguem e que, segundo este grupo de inquiridos, será a capacidade de motivar quem escuta e de “dar vida” à história, sabendo criar um ambiente de encantamento, surpresa e emoção. Outra condição será a manifestação de prazer em dar ao outro esse momento de magia e ligação a um outro mundo, que permitirá o desligar da rotina, o que exigirá não só um dom natural, como uma preparação prévia e a utilização de recursos apropriados. Salientam como muito importante o gosto pelos livros e pelo ato de contar histórias.

A maioria dos docentes do 1.º CEB manifesta opiniões similares ao grupo anterior, apresentando justificações semelhantes, destacando sobretudo a entrega com profissionalismo, treino e experiência, com

a voz e com a expressão corporal e com a capacidade de adaptar a sua *performance* à idade e características dos alunos enquanto público. Todavia, há uma docente que crê serem as mulheres as melhores contadoras, já que revelam mais afetividade com as crianças e são mais “vivas” e “expressivas”. Há ainda duas docentes que acreditam que as pessoas mais idosas serão os melhores contadores de histórias, pela sua experiência e vivências. Quanto aos docentes do 2.º ciclo, a maioria assume também as posições já apontadas. A aparente indiferença em relação ao gênero dos contadores assume todavia alguns matizes em alguns dos inquiridos. Um respondente acrescenta que considera que há histórias mais propícias para serem lidas por mulheres, e outro acaba por finalmente afirmar que “tem mais a ver com a natureza das mulheres”. Os docentes do 3.º ciclo são unânimes em afirmar que o gênero não tem qualquer influência na capacidade de contar/ler histórias. A mesma unanimidade não se verifica quanto à idade, já que dois dos inquiridos pensam que as pessoas mais idosas são melhores contadores de histórias, uma vez que a sua experiência de vida e o conhecimento maduro da realidade imprimem à voz, à entoação do contador mais velho, uma conotação mais cativante. Como qualidades que o contador deve possuir, destacam a sua sensibilidade, a forma de ser e de estar/interagir com as crianças, a sua afetividade, já que um bom contador é aquele que cativa o ouvinte, preparando devidamente a sua função. Desta forma, segundo um dos inquiridos, “a voz dilui-se na imaginação e apenas se ouvem palavras”.

Palavras finais

Contadores de outrora, contadores de hoje, contadores de sempre. Contadores na ficção, semelhantes aos contadores reais, cuja arte, longe de ter acabado, surge pujante neste início do século XXI. Basta fazer uma breve pesquisa na web ou analisar a correspondência recebida nas escolas, sobretudo dirigida a bibliotecas, educadores, professores do 1.º CEB e professores de Português dos restantes ciclos de ensino, para depararmos com uma oferta variada relacionada com a arte de contar, seja de *performance* para alunos, seja de formação na área, e podermos concluir, como referia Sisto (2005: 74): “em vez de ter virado fumaça no tempo, o contador de histórias se multiplicou”.

Ao multiplicar-se o contador de histórias na nossa realidade, verificamos também que certas representações atuais sobre esse contador (no presente caso circunscritas a um grupo de educadores e professores, portanto sem pretensões de generalizações) se articulam em determinados aspetos com as visões que encontramos na ficção literária. De facto, em ambas as situações o contador de histórias aparece fortemente associado ao entretenimento e à recreação, ativando a capacidade imaginativa de contadores e de ouvintes.

Embora os participantes no questionário que foi aplicado não pretendam, num primeiro momento, vincular-se a questões de género, verificamos que alguns acabam por modalizar um pouco a sua resposta, privilegiando de certa forma a figura feminina, “pela sua natureza”, em linha com o que encontramos no território da ficção, sobretudo quando se relaciona a figura do contador a um certo ambiente de intimidade. O mesmo em relação à questão da idade: apesar de a maioria dos inquiridos considerar indiferente este aspeto, e de facto também os contadores que encontramos no *corpus* analisado apontam para uma relativa dispersão etária, alguns valorizam a experiência de vida do contador. Como apontámos, um traço importante, sobretudo na caracterização das imagens literárias de mulheres contadoras de histórias, é a sua idade: muitas são “avós”, surgindo também com frequência o qualificativo “velha” (ama, criada, tia,...), o que parece corresponder à perspetiva de alguns dos participantes no questionário.

O que parece ser unânime, tanto nas figurações literárias como nas conceções dos nossos inquiridos (reais), é a valorização do ato de contar, entendido como fonte de satisfação e de enriquecimento. Por isso, terminamos com palavras da escritora e contadora de histórias Cléo Busatto (2011: 128):

As histórias, oriundas da tradição oral ou da contemporaneidade, sempre serão bem-vindas, como são bem-vindos os contadores, sejam aqueles que narram contos da tradição, sejam aqueles que narram autores contemporâneos. Há espaço para todos: os que entendem as histórias como alimento para o espírito; os que veem nas histórias uma forma de distração; aqueles que narram cantando e aqueles que narram dançando; velhos e moços; letrados e iletrados: os contos estão aí, à espera de uma voz para torná-los matéria viva, significante e transformadora.

Referências teóricas

- BETTELHEIM, Bruno (2011), *Psicanálise dos contos de fadas*, trad. Carlos Humberto da Silva, 14.^a ed., Lisboa, Bertrand.
- BRANDÃO, Olívia da R. (2011), *A ler + em Milheirós de Poiares: um projeto em ação*, Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta, disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1847>, consultado em 07/07/2013.
- BRYANT, Sara C. (1987), *El arte de contar cuentos*, Barcelona, Hogar del Libro.
- BUSATTO, Cléo (2011), *Contar e Encantar: pequenos segredos da narrativa*, 8.^a ed., Petrópolis, Vozes.
- BUSATTO, Cléo (2011), *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*, 4.^a ed., Petrópolis, Vozes.
- GIL, Carmen (2003), *Leer, contar y jugar. Actividades de animación a la lectura*, Madrid, Editorial CCS.
- GILLIG, Jean-Marie (2000), *El cuento en pedagogia y en reeducación*, S.I, Fondo de Cultura Económica de España.
- JEAN, Georges (2000), *A leitura em voz alta*, trad. Isabel Andrade, Lisboa, Instituto Piaget.
- MATEUS, Ana Maria (2009), *A promoção da leitura no 3.º Ciclo: um projeto dinamizado pela biblioteca escolar*, Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares, Universidade Aberta, disponível em <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1365>, consultado em 07/07/2013.
- MEIRELES, Cecília (1984), *Problemas da Literatura Infantil*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- PATRINI, Maria de Lourdes (2005), *A renovação do conto: emergência de uma prática oral*, S. Paulo, Cortez.
- SAVATER, Fernando (1997), *A infância recuperada*, trad. de Michelle Canelas, Lisboa, Presença.
- SISTO, Celso (2005), *Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias*, Curitiba, Editora Positivo.

Corpus literário analisado

- ABELHO, Azinhal (1970), *Teatro popular português: Entre Douro e Minho*, Braga, Editora Pax.

- ALEGRE, Manuel (1989), “A Senhora do retrato”, in *O homem do país azul*, Lisboa, Dom Quixote.
- ANDRADE, Eugénio de (1972), *Antologia Breve*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade.
- ANDRESEN, Sophia de M. B. (1981), *A Floresta*, Porto, Figueirinhas [1968].
- ANDRESEN, Sophia de M. B. (1994), “Saga”, in *Histórias da terra e do mar*, Porto, Texto Editora [1984].
- ANDRESEN, Sophia de M. B. (1998), *O Cavaleiro da Dinamarca*, Porto, Figueirinhas [1964].
- ANDRESEN, Sophia de M. B. (2003), *A fada Oriana*, Porto, Figueirinhas [1958].
- ANDRESEN, Sophia de M. B. (2004), *A menina do mar*, Porto, Figueirinhas [1958].
- ARAÚJO, Matilde Rosa (1986), *O Livro da Tila*, Lisboa, Livros Horizonte [1957].
- BARRENO, Maria Isabel (1991), “Os parâmetros da vida”, in *O Enviado: contos*, Lisboa, Caminho.
- BARRENO, Maria Isabel (1991), “O fundador”, in *O Enviado: contos*, Lisboa, Caminho.
- BESSA-LUÍS, Agustina (1995), *A Sibila*, Lisboa, Guimarães Editores [1954].
- BOTELHO, Fernanda (1964), *Xerazade e os outros*, Lisboa, Bertrand.
- CAMÕES, Luís de (1987), *Os Lusíadas*, Porto, Porto Editora [1572].
- CAMPOS, Fernando (2000), *A Casa do Pó*, Braga, Círculo de Leitores [1986].
- CASTELO BRANCO, Camilo (1981), *Anátoma*, Lisboa, Círculo de Leitores [1851].
- CASTRO, Ferreira de (1991), *A Selva*, Lisboa, Guimarães Editores [1930].
- CHAGAS, Manuel Pinheiro (2004), *História Alegre de Portugal*, Lisboa, Bertrand [1880].
- COELHO, Trindade (1989), “À Lareira”, in *Os Meus Amores*, Aveiro, Estante Editora [1891].
- DINIS, Júlio (1970), “As apreensões de uma mãe”, in *Serões da província*, 1.º vol., Livraria Civilização Editora [1870].
- FANHA, José (2009), *Diário inventado de um menino já crescido*, Alfragide, Gailivro.
- FERREIRA, José Gomes (1994), *Aventuras de João Sem Medo*, Lisboa, Editores Reunidos [1963].
- FERREIRA, Vergílio (1997), *Aparição*, Lisboa, Bertrand Editora [1959].
- FONSECA, Branquinho da (2000), *O Barão*, Lisboa, Diário de Notícias [1942].
- FONSECA, Manuel da (1990), “A Torre da Má Hora”, in *Aldeia Nova*, Lisboa, Caminho [1942].
- FONSECA, Manuel da (1981), *O Fogo e as Cinzas*, Lisboa, Caminho [1951].
- GARRET, Almeida (1996), *Viagens na minha terra*, Lisboa, Ulisseia [1846].
- GARRET, Almeida (1983), *Frei Luís de Sousa*, Lisboa, Comunicação [1844].
- GERSÃO, Teolinda (2007), *A mulher que prendeu a chuva e outras histórias*. Lisboa, Sextante Editora.

- GOMES, Soeiro P. (2003), *Esteiros*, Lisboa, Caminho [1941].
- HERCULANO, Alexandre (1988), “A dama do pé de cabra: rimance de um jogral”, “O bispo negro”, in *Lendas e Narrativas*, Lisboa, Ulisseia [1851].
- LETRIA, José Jorge (2008), *Avô, conta outra vez*, Porto, Ambar.
- LETRIA, José Jorge (2010), *Produto Interno Lírico*, Lisboa, Oficina do Livro.
- LISBOA, Irene (1993), “O Vento”, in *Queres ouvir? Eu conto*, Lisboa, Presença [1958].
- LOBO, Rodrigues (1972), *Corte na Aldeia*, Porto, Lello & Irmão [1619].
- LOSA, Ilse (1992), *O mundo em que vivi*, Porto, Afrontamento [1949].
- MACIEL, Artur (1924), *Ritmo de bilros*, Porto, Companhia Portuguesa Editora.
- MENÉRES, Maria Alberta (2004), “As formiguinhas”, in *Histórias de tempo vai tempo vem*, Porto, Asa [1988].
- NAMORA, Fernando (1998), *O Rio Triste*, Lisboa, Círculo de Leitores [1982].
- NAMORA, Fernando (1999), *Dispersos 1*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- NOBRE, António (1989), *Só*, Lisboa, Ulisseia [1892].
- PESSOA, Fernando (1986), “Não sei, ama, onde era”, in *Obra Poética*, org., pref., cronologia e bibliog. João Gaspar Simões, 1.º vol., Lisboa, Círculo de Leitores.
- PESSOA, Fernando / Alberto Caeiro (1986), “XIX O luar quando bate na relva”, “Num meio-dia de fim de Primavera”, in *Obra poética*, org., pref., cronologia e bibliog. João Gaspar Simões, 2.º vol., Lisboa, Círculo de Leitores.
- PESSOA, Fernando / Álvaro de Campos (1986), “Ode Marítima”, in *Obra poética*, 2.º vol., Lisboa, Círculo de Leitores.
- PESSOA, Fernando/ Ricardo Reis (1986), Odes, in *Obra Poética*, 2.º vol.. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 127.
- QUEIRÓS, Eça de; CASTILHO, Guilherme de (coord.) (1983). *Correspondência*, 2.º vol., Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- QUEIRÓS, Eça de (1989), “Singularidades de uma rapariga loira”, in *Contos*, Lisboa, D. Quixote [1873].
- REDOL, Alves (1990), *Constantino, guardador de vacas e de sonhos*, Lisboa, Caminho [1962].
- REDOL, Alves (1971), *Gaibéus*, Lisboa, Europa-América [1939].
- RIBEIRO, Bernardim (1973), *Menina e Moça ou Saudades*, Coimbra, Atlântida [1554].
- RIBEIRO, João Manuel (2011), *Meu Avô, Rei de Coisa Pouca*, Porto, Trinta por uma Linha.
- SARAMAGO, José (1982), *Memorial do Convento*, Lisboa, Caminho.
- SARAMAGO, José (1985), “Carta a Josefa, minha avó”, in *Deste Mundo e do Outro*, Lisboa, Caminho [1971].
- SARAMAGO, José (2006), *As pequenas memórias*, Lisboa, Caminho.